

BIBLIOTECA ESCOLAR: AMBIENTE PARA A LEITURA E A FORMAÇÃO DO LEITOR

RAFAELA CANEZ CAMARGO¹; CRISTINA MARIA ROSA²

¹Universidade Federal de Pelotas – rafaela.camargo.ufpel@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – cris.rosa.ufpel@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

No trabalho pretendo apresentar reflexões sobre a importância de ambientar o espaço da biblioteca escolar tornando-o agradável e acolhedor à leitura e à formação do leitor. O tema surgiu a partir de experiências que o GELL – Grupo de Estudos em Leitura Literária da FaE/UFPEL – tem adquirido ao propor e realizar uma reforma na biblioteca de uma escola pública em um dos bairros da cidade de Pelotas. O foco foi conhecer, entre usuários, a influência do ambiente (delimitação de espaços internos, iluminação, mobiliário, cores e adereços) no desejo de frequentar a biblioteca. Observar o modo como as pessoas se portam no espaço é, também, observar sua capacidade de perceber o mundo, sua sensibilidade e cultura, de acordo com TUAN (1980). Citado por Drummond *et al* (2000), para ele, a “percepção” é algo que pode ser considerado concretamente “é visível no modo como o meio ambiente é construído e modificado”. Para tal, estudantes e professores além de universitários envolvidos na reforma foram ouvidos.

Citado por Castro(2008), Bakhtin(1992), afirma que a literatura infantil “é capaz de transformar o indivíduo em um sujeito ativo, responsável pela sua aprendizagem”. Machado(2001) afirma que apesar disso, as crianças lêem por obrigação, e não por gostar de fazê-lo. Então, é necessário despertar este gosto pela leitura, e para contribuir com isso, de acordo com Castro(2008), existem dois fatores: curiosidade e exemplo. O exemplo depende exclusivamente das pessoas que rodeiam esta criança, enquanto a curiosidade pode ser despertada também pelo espaço.

Acreditando que ler é “apreciar, inferir, antecipar, concluir, concordar, discordar, perceber as diferentes possibilidades de uma mesma leitura, é estabelecer relações entre diferentes experiências – inclusive de leitura” de acordo com Pereira (2016), para quem ler é, antes de tudo, um direito. Tendo em vista esse direito, cabe à escola e aos professores mediar os processos de conhecimento e deleite do que é literário na escola. A biblioteca escolar é uma peça chave para a formação de leitores competentes. Antes disso, a leitura por prazer deve ser incentivada, pois é consenso entre estudiosos que ela é que abre caminho para as demais leituras.

De acordo com o *Manifesto pela Biblioteca Escolar* da (UNESCO, 1999), um dos objetivos da biblioteca escolar é “desenvolver e manter nas crianças o hábito e o prazer da leitura e da aprendizagem, bem como o uso da biblioteca ao longo da vida”. No Brasil, desde 2010, há uma lei (Lei Nº 12.244 de 24 de maio de 2010) que determina a existência, em toda instituição de ensino do país, de bibliotecas. Apesar da relevância pedagógica da biblioteca, de acordo com Neves (2010), “esse ambiente escolar em geral tem sido desprezado pelas políticas públicas e pelas práticas docentes”. Waldeck Carneiro da Silva aborda o tema em *Miséria da Biblioteca Escolar* (1995). No texto, o autor expõe a realidade das escolas brasileiras: “... quando existe biblioteca, esses lugares não passam de depósitos de livros e de outros objetos, com horários de funcionamento breves e irregulares, ou ainda são convertidas em espaços de punição”. E observa que na maior parte delas, os “atendentes são professores aposentados ou readaptados, enfadados da sala de

aula e de alunos” (SILVA 1995, p. 24-25). Sobre o mesmo tema, Neves é clara quando considera que, em muitas escolas, as bibliotecas acabam “cumprindo mais a função de depósito de livros e materiais do que de ambiente pedagógico para informação, letramento e fruição” (NEVES, 2010).

O gosto pela leitura é construído a partir do desejo do leitor de encontrar a possibilidade de interlocução com o mundo, de acordo com Menin, Souza e Jorge (2006). Em seu artigo, no entanto, os autores consideram que os alunos “percebem a biblioteca como um ambiente estranho – muitas vezes ameaçador – e vivem a possibilidade de leitura em sua dimensão mais restrita” e indicam fatores que levam as crianças a terem menos ou não terem contato com histórias da cultura popular e com livros infantis. A partir da leitura, compreendi que tornar os ambientes de leitura mais atrativos e acolhedores, é uma grande estratégia para cativar novos leitores. De acordo com Drumond *et all* (2000), a qualidade que um espaço arquitetural possui está centrado na *habitabilidade* e esta é revelada por quatro fenômenos existenciais: a territorialidade, a privacidade, a identidade e a ambiência. No estudo, a ambiência “que pode ser entendida como conforto, adequação, funcionalidade, beleza” capturou meu interesse.

2. METODOLOGIA

Fundada em princípios da pesquisa qualitativa, inicialmente cerquei o assunto em sites – Scielo e Google Acadêmico, especialmente – com as palavras-chave como biblioteca escolar, reforma de biblioteca e políticas públicas de leitura, entre outras. Descoberta a raridade na abordagem do tema, selecionei os mais próximos e os li. Tendo como foco conhecer, entre usuários, a influência do ambiente no desejo de frequentar a biblioteca, os demais procedimentos foram: **a)** elaboração de questões abertas para estudantes e professores da escola e universitários envolvidos na reforma; **b)** realização das entrevistas com um grupo de estudantes, com diretora e vice da escola e com algumas pessoas que estavam envolvidas na reforma da biblioteca; **c)** gravação e análise das entrevistas; **d)** leitura dos relatórios (fotográfico e documental) da reforma; **e)** captura e citação de recortes do que foi dito ou escrito; **f)** escrita das conclusões.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao ser convidado a organizar o acervo da Biblioteca da Escola, em especial do espaço infantil, o GELL esperava, “encontrar uma sala com armários e prateleiras repletos de livros que precisaríamos apenas classificar e guardar novamente”, de acordo com a bolsista Ieda Kurtz (in: ROSA, 2016). No entanto, desde o corredor de entrada – repleto de livros aguardando a arrumação – a situação era caótica. Na sala, um entulho de armários, cadeiras, móveis destruídos e inservíveis haviam sido agrupados no centro, para que as paredes fossem pintadas. A partir dessa primeira constatação, o grupo sentiu necessidade de transformar o espaço. A pergunta formulada foi: Como organizar e tornar o local atrativo aos alunos? Em uma primeira reunião, ideias e um plano de intervenção animaram a equipe que, daquele dia em diante, empreendeu esforços no sentido de transformar a sala em uma biblioteca: um espaço em que os estudantes gostassem de estar.

Entre as impressões colhidas, observa-se, nos relatos da diretora, que o novo espaço contrasta com o anterior. Ela diz que dentro da peça só havia uma mesa de centro com pilhas de livros em volta; “no verão era muito quente, e no inverno muito

frio”; as “*janelas bem altas*”, que não podiam ser abertas. Ela chega a afirmar que “*Nem poderia dizer que era uma biblioteca*”. Nela, “*ninguém tinha vontade de entrar*”, devido ao espaço ser “*muito pequeno*”, Percebe-se que este antigo ambiente não era nem um pouco atrativo. Inclusive a diretora diz neste relato que só se entrava ali “*quando era estritamente necessário, porque era uma coisa que tu não te sentia bem ali*”.

Quando se quer tornar um local cativante, atrativo, encantador, é comum pensar em aliar a este espaço a beleza, a harmonia, o acolhimento. Tornar bela, encantadora, harmoniosa, acolhedora a biblioteca escolar parece algo superficial, mas na realidade não é. As entrevistas indicam que a maioria espera que a biblioteca se torne um ambiente alegre, o que leva a crer que esta espera é o que se busca como harmonioso na biblioteca. Ao entrar na biblioteca em processo de transformação, uma das estudantes da escola disse: “*Vai ficar lindo!*” Indagamos sobre sua expressão e ela acrescentou: “*Porque é bem alegre, bem colorido*”. Essa sensação pode ser transmitida através das cores, traz para essa menina uma definição de beleza para àquele lugar.

Em contraponto à este sentimento, o relato da primeira impressão de uma das bolsista do projeto, ao ver o trabalho de pintura feito anteriormente na sala foi: “Levei um susto com a cor amarelo canário escolhida para paredes e piso” (POSTRINGER in ROSA, 2016). Segundo Silva (2009, *apud* NEVES, 2010) as cores do ambiente, “são capazes de acalmar ou tirar a concentração, provocando conforto ou desconforto visual”. O autor “sugere pintar as paredes de uma cor diferente do restante da escola, criando um oásis, um espaço singular, capaz de promover lazer e conhecimento”. A cor inicial da biblioteca estava diferente do restante da escola, mas no caso, não demonstrava ser capaz de promover lazer e conhecimento. Menos ainda era capaz de transmitir tranquilidade e harmonia para o espaço. O jardim-painel foi pensado para auxiliar na ambientação do espaço infantil, juntamente com um tapete e com estantes baixas, para o manuseio das crianças. Criou-se ali, um local que será propício à contação de histórias. Este painel chamou atenção do grupo de estudantes do 9º ano, e uma das meninas se manifestou dizendo que parecia “*Alice no país das maravilhas!*”. Logo, a pintura criou uma ligação, para esta aluna com o mundo da literatura, já que remeteu ao local fictício.

O cuidado com o ambiente é mais do que decorá-lo. Drummond Et All(2000) relatam que é necessário, antes de decorá-lo, organizá-lo, pois a aparência de desordem desestimula o cuidado para melhorar a ambiência, a qual “é mais que a atitude de enfeitar e revela o cuidado e a identidade dos indivíduos com o espaço, demonstrando o quanto se sentem em casa” Logo, a revelação do sucesso ou não da ambiência, depende de como os frequentadores da biblioteca irão reagir nela.

Compartilho as ideias de Pereira (2006) para quem a “organização do espaço para a leitura é importante para que os leitores se sintam acolhidos”. Cada espaço pensado para a nova biblioteca – a área infantil, o espaço de estudos, a recepção – objetiva torná-la acolhedora e isso foi percebido pela vice-diretora que declarou: “*Faz diferença, porque começa a dar um encantamento para as crianças. Elas começam a identificar que é um ambiente mesmo de biblioteca e não simplesmente uma sala de aula feita assim na correria numa biblioteca transformada*”.

4. CONCLUSÕES

A biblioteca escolar tem como objetivo formar leitores e ser fonte de conhecimento. Não pode ser, simplesmente, um local de depósito de livros. Mesmo

que eles estejam dispostos em estantes e que a sala tenha um bom espaço físico, isto não será o suficiente. Ela deve ser atrativa e cativante para o público tão exigente que são as crianças e adolescentes. Logo, ambientar esses locais, tornando-os acolhedores e agradáveis é uma boa estratégia para conquistar leitores.

Tendo em vista os depoimentos dos integrantes da escola e os relatos das bolsistas, posso concluir que há busca pelo harmonioso nesta biblioteca. Espera-se que ela se torne um ambiente alegre, prazeroso, em que estar seja bom, que convide a ficar e ler. O processo de ambientar a sala para se tornar uma adequada e acolhedora biblioteca é longo e trabalhoso. Demanda tempo e cuidado nos detalhes. Mas observando as declarações dos alunos sobre ser este novo local mais atraente, posso imaginar que, futuramente, quando a biblioteca estiver terminada e pronta para o uso da comunidade escolar, os estudantes terão prazer em habitá-la, o que pode despertar o gosto pela leitura.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, E. F. **A importância da leitura infantil para o desenvolvimento da criança**. 2008. Monografia. Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, Fortaleza–CE. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-da-literatura-para-o-desenvolvimento-da-crianca/9055/>

DRUMOND, Vânia; SOUZA, Renato; GARCIA, Ângela; SILVA, Moema; CAMPOS, Paulo. Análise e reestruturação de espaço físico em bibliotecas: Estudo de caso da situação funcional e administrativa da biblioteca da EA/UFMG - proposição de soluções emergenciais. In: **Análise e reestruturação de espaço físico em biblioteca: espaço físico e administrativo**. Documento. Belo Horizonte: EA/UFMG, 1997. 22p. Disponível em: snbu.bvs.br/snbu2000/docs/pt/doc/t110.doc

IFLA. **Manifesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar**. Tradução de Neusa Dias Macedo. São Paulo, 2000. Disponível em: <http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>

MENIN, A. M. C. S.; SOUZA, R. J.; JORGE, M. **Sala de leitura: formando leitores literários**. Disponível em: www.unesp.br/prograd/PDFNE2006/artigos/capitulo9/saladeleitura.pdf

NEVES, N. V.; RAMOS, F. B. O espaço da Biblioteca Escolar: análise das condições de mediação de leitura. In: **Congresso Internacional de Filosofia e Educação**. Eixo Temático: 08 - Educação e Linguagem. Caxias do Sul: UCS, 2010. Disponível em: <http://www.ucs.br/ucs/eventos/cinfe/artigos/artigos>

PEREIRA, A. K. **Biblioteca na escola**. Brasília: Ministério da Educação – Secretaria da Educação Básica, 2006.

ROSA, C. Fotodocumentação e Relatório de Intervenção: imagens e palavras sobre a interferência na Biblioteca da EEEF Fernando Treptow. **Relatório de Pesquisa**. Pelotas: PRPPG/UFPEL, 2016.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difusão, 1980.